



MULHERES MAYAS NA GUATEMALA: RELAÇÕES DE PODER, GÊNERO, ETNIA E CLASSE

Mestra Dina Susana Mazariegos García¹
Miriam Pillar Grossi²
Antonella Tassinari³

Este trabalho faz parte da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “Trajetória e Resistência” Uma análise antropológica das emergentes práticas discursivas das mulheres intelectuais mayas da Guatemala (1988-2008), apresentada ao PPGAS-UFSC, e tem como ponto de partida dez relatos de vida de mulheres intelectuais mayas da Guatemala. Elas se encontram em uma faixa etária entre 27 e 47 anos e, de acordo com meu ponto de vista, elas fazem parte da mais nova geração das mulheres intelectuais indígenas na Guatemala que produzem conhecimento através de seu trabalho individual e coletivo, e são parte de um “*movimento*” que vem estimulando mudanças nos caminhos que foram traçados para a constituição de suas várias identidades, em especial as de gênero, étnica e de classe. Nesse caso, suas trajetórias não se ajustam aos estereótipos que foram estabelecidos para serem consideradas “tradicionalistas”⁴ mulheres mayas.

Estas dez mulheres são doutorandas, mestras e licenciadas tanto em Antropologia Social como em outras áreas das Ciências Sociais. Formaram-se em universidades da Guatemala e de outros países. No âmbito do trabalho, inserem-se em diferentes áreas, tais como: docência universitária, pesquisa dentro e fora da Guatemala, direção e assessoramento de instituições tanto governamentais como privadas. Elas se consideram feministas ou não, algumas são marxistas, cristãs, ateias, lésbicas, heterossexuais, ex-combatentes, líderes comunitárias regionais e nacionais, mães, solteiras, casadas etc. Atualmente, o trabalho destas protagonistas tem sido reconhecido e questionado em algumas oportunidades dentro e fora da academia guatemalteca tal como no movimento de mulheres, no movimento feminista e outros, além de ser já gratamente recebido e apresentado como uma novidade em diversos foros internacionais.

¹ Mestra do (PPGAS-UFSC)

² Coordenadora do (PPGAS-USFC)

³ Professora do (PPGAS-UFSC)

⁴ Neste sentido, Carmen Álvarez (2006, p.23) afirma que: “en la cultura maya existen marcos filosóficos y de orden social que se fundamentan en las ideas de reciprocidad, respeto mutuo y responsabilidad. No obstante, es importante reconocer que en la práctica prevalece una relación de subordinación de las mujeres frente a los hombres. Las relaciones hombre-mujer, en muchas situaciones, son jerárquicas, asimétricas o desiguales; los hombres tienen más poder de decisión que las mujeres, y aún cuando se comparten algunas formas de trabajo doméstico no se tiene la misma condición”.



O pano de fundo no qual suas vidas, experiências e história se desenvolveram é a violência extrema contra as mulheres, organizada e perpetuada em todas as suas estruturas pelo sistema patriarcal e racista do Estado guatemalteco. Porém, o fio condutor de suas ações é a resistência e a transgressão, que são uma constante no cotidiano destas profissionais, e que ao mesmo tempo evidenciam formas de ser, caráter, ideias forças, lutas e campos de ações.

Tais estratégias resultaram em uma profunda transformação pessoal e emergem na forma como propõem e participam da construção de uma sociedade mais equitativa, transformando o conteúdo simbólico, político e social no qual se encontram as mulheres indígenas da Guatemala. Epistemologicamente, a Antropologia Feminista guia esta etnografia, e se privilegiou a metodologia qualitativa, utilizando em particular a técnica de “Histórias de Vida e testemunhos”. Relações de poder e suas diversas expressões a partir da intersecção com o gênero, a classe e a etnia, são o eixo analítico que busca entender os nexos existentes entre as identidades dessas mulheres e seu trabalho político e intelectual. “*Ello porque los hombres y las mujeres no están sólo definidos por su género sino también por su posición social y por otras cualidades que le son asignadas dentro de esta organización social compleja*”.⁵

Na Guatemala, o estudo das mulheres vem ocorrendo já, há vários anos, mas só ultimamente as variáveis de gênero e etnia foram trabalhadas de maneira articulada neste tipo de estudos. Ana Silvia Monzón em seu trabalho *Mujeres, género y etnia en Guatemala. Aproximaciones conceptuales*, manifesta que é só recentemente que se tem acrescentado o interesse por conhecer a situação e condição das mulheres em geral e das indígenas e mayas em particular.

Nesse sentido, caberia perguntar-se: por que a falta de interesse neste tipo de estudos? Quem são os atores e atrizes sociais que merecem atenção como sujeitos sociais, para ser parte da pesquisa social na Guatemala? Quais são as variáveis e categorias que têm importância acadêmica na Guatemala? Pois, desde meu ponto de vista, para se construir o perfil das guatemaltecas e entender sua situação, condição e posição, é necessário e indispensável trabalhar com estas três grandes intersecções, “*variáveis que permitem observar e diagnosticar as desigualdades sociais com maior nitidez*”.⁶ Na Guatemala elas dão conta do contexto econômico, político e sociocultural, onde as dez mulheres intelectuais mayas, protagonistas desta pesquisa, vêm desenvolvendo-se, resistindo e desconstruindo todas essas relações assimétricas, nas quais nasceram, cresceram e vivem atualmente.

⁵ Papi Galvez, Natalia. *Clase Social, etnia y género: Tres enfoques paradigmáticos convergentes. España, 2001. Pag.3*

⁶ *Ibíd*em



Relações de poder desde a intimidade do gênero

Neste estudo etnográfico utilizo a categoria de gênero, não em caráter descritivo, mas como o menciona Celia Amoros (2007) como um instrumento crítico que facilitará a desarticulação das ilegítimas relações de poder. Levando em consideração que estas relações têm colocado as mulheres em condições de exclusão pelo simples fato de serem mulheres. Também, concordo com Joan Scott, quando estabelece que: “O gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.⁷ E, manifestó-me a favor do que Lola Luna, afirma sobre que: “La renovación actual de la historia, especialmente en sus aspectos políticos, pasa por investigar la inclusión y las formas de exclusión de las mujeres en el poder, sus relaciones y experiencias con sistemas políticos concretos”.⁸

Neste trabalho distingui-se como as dez protagonistas desta pesquisa, partindo da resistência e suas subjetividades, vêm transitando por diversas transformações. As mesmas que têm sido influenciadas pelas mudanças econômicas, políticas e socioculturais da época. Além disso, como os não privilégios destas mulheres vêm sendo alterados. As diversas experiências vividas pelas entrevistadas, dão conta de como o problema da discriminação de gênero impacta suas vidas. Embora se possa dizer que o grupo estudado, resistindo e transgredindo permanentemente, de alguma forma já começou a cruzar com êxito os primeiros estágios discriminadores deste sistema patriarcal.

Además de ser la penúltima hija, mi mamá ya me tuvo cuando era mayor, todo eso hizo que **me criara con mayor libertad que a mis otras hermanas**, quizás con una libertad parecida a la que le dio a mis hermanos. (Ixchel)

Por ser mujer, la mayor y vivir cerca de la casa de mis abuelos, yo tenía que levantarme a las cuatro ó cinco de la mañana ir a la casa de ellos para cocinarles, sacarlos del temascal y hacer todo lo que ellos necesitaban. (Elizabeth)

A pesar de que mujeres y hombres tuvieron la oportunidad de ir a la escuela, **siempre hubo una presión marcada sobre las mujeres de cuidarse y de cuidar el honor de la familia**. (Aury)

En el imaginario de mi mamá las mujeres indígenas deben aprender a cocinar, deben tener hijos, deben ser “buenas mujeres”. **Yo creo que por la misma constitución social y como se forman a los sujetos masculinos y femeninos mi mamá estaba reproduciendo una relación de sometimiento hacia las mujeres**. (Ixkik)

Antes de ir al a escuela nos teníamos que levantar a las 4 de la mañana e ir al molino.⁹ **Todo el tiempo teníamos que estar aplicadas en el trabajo de la casa, aplicadas en la escuela y aplicadas con el comportamiento social**. (Azucena)

⁷ Scott, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica, Educação e Realidade*. 1995 pag.14.

⁸ Luna, Lola. *Movimiento de Mujeres y Movimiento Feminista. Para una discusión abierta y plural*. Editorial Librería de Mujeres, Argentina 2003. Pág. 33.

⁹ Molino é uma máquina industrial é o lugar aonde as mulheres vão para moer o milho, o nixtamal, para fazer a massa que mais tarde usarão para as tortillas, alimento que faz parte da dieta cotidiana dos e das guatemaltecas.



Estas experiências mostram-nos que as opressões que as mulheres sobrevivem, quotidianamente, estão imersas em relações de poder, que vêm do sistema patriarcal exercido desde a família e passado às outras estruturas, pelos diferentes sujeitos sociais, tanto de forma individual como coletiva. Os testemunhos apresentados abordam claramente a vulnerabilidade que representa o fato delas serem mulheres, porque suas famílias são permeadas pelos referentes masculinos e os padrões e representações do ser mulher nas relações intrafamiliares desenvolvem diversos processos de discriminação, visto que os estereótipos depreciativos atribuídos às mulheres as colocam em situações, condições e posições de desigualdade. O universo do lar, entre mães, pais, irmãos e outros familiares interfere na vida destas protagonistas, potencializando claramente a resistência e a transgressão.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher (Simone de Beauvoir 2002) pelo que se considera que a identidade de gênero é fundamental no que se refere aos papéis entre homens e mulheres na estrutura familiar. Nesse sentido, adquire relevância à verificação que as interlocutoras constantemente fazem de seu ser mulher, já que a maioria delas, nas relações de troca e tensões em seu contexto familiar, deverá disputar os espaços, condições e posições de poder com irmãos e outros membros masculinos da família, para logo afrontar, com diversas estratégias, as atitudes patriarcais tanto dos pais, das mães como dos avôs e outros familiares. Aqui podemos tomar como exemplo o que manifesta Rosa Piló:

En la cultura indígena Kaqchikel, se marca la discriminación desde el nacimiento (...) y cuando se pasa de lo privado a lo público las desigualdades se manifiestan con gran fuerza, con el simple hecho de no ceder poder a las mujeres.¹⁰

Por outro lado Emma Chirix afirma em sua dissertação sobre: *Identidad masculina entre los Kakchiqueles* que: “*la complementariedad es percibida en la cotidianidad como unidad de la desigualdad*”.¹¹

Nesse sentido, nos relatos apresentados, destacam-se diversas experiências que dão início a um processo de descolonização¹² das vidas destas protagonistas, as formas como elas vão

¹⁰ Piló, Rosa María. *Reflexionando y Actuando, Mujeres Mayas y Participación Política*. Instituto de Estudios Interétnicos, Universidad de San Carlos de Guatemala, 2007. Pág.29.

¹¹ Chirix, Emma. *Identidad Masculina entre los Kakchiqueles*. Tesis de Maestría en Sociología del Programa de Posgrado Centroamericano de Ciencias Sociales, FLACSO, Guatemala 2007. Pág.76.

¹² Usaremos o conceito *Descolonizador*, desde a perspectiva fanoniana, ainda que esta não seja trabalhada com perspectiva de gênero. No entanto, apresenta elementos que esclarecem de forma contundente o processo de descolonização que pode ser aplicado tanto a homens como a mulheres e outros grupos sociais: “La descolonización, como se sabe, es un proceso histórico: es decir, que no puede ser comprendida, que no resulta inteligible, traslúcida a sí misma, sino en la medida exacta en que se discierne el movimiento historizante que le da forma y contenido. (...) La descolonización no pasa jamás inadvertida puesto que afecta al ser, modifica fundamentalmente al ser, transforma a los



desconstruindo-se e construindo-se por sua vez, partindo das relações dialéticas com seus diversos contextos. Neste processo defende-se a necessidade de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, procurando garantir espaços decisórios que respeitem as demandas delas como mulheres. E o grande desafio é romper com a dominação e discriminação histórica do masculino sobre o feminino dentro de suas famílias, comunidades e em outros contextos mais amplos. No caso destas protagonistas, as lembranças que elas têm dessas formas de resistir dentro da família, por momentos, denota ainda desconforto, em alguns casos tristeza, raiva dos momentos vividos, mas também percebem que é parte do processo de desconstrução e empoderamento tanto delas quanto de suas famílias.

Relações de poder desde a intimidade étnica

Mergulhar nas relações de poder desde a identidade étnica obriga-nos a revelar a problemática do racismo, sua gênese a partir da colônia e como este se enraizou profundamente em todas as estruturas que conformam a sociedade guatemalteca, de modo que em muitas ocasiões é considerado até um fenômeno natural, não só pelos ladinos,¹³ senão também por alguns indígenas. O racismo na Guatemala é um fenômeno que tem excluído e marginalizado permanentemente a população indígena na tomada de decisões nos processos sociais, econômicos e políticos, pelo que esta nação foi organizada e construída como uma sociedade etnocêntrica desde a chegada dos europeus até nossos dias.

Apenas em 1996, depois da assinatura dos acordos de paz, o Estado guatemalteco se reconhece como pluricultural, plurilíngue, multiétnico e com graves problemas de racismo. A partir de 1995, depois da assinatura do “Acuerdo sobre identidad y Derecho de los Pueblos Indígenas” (AIDPI), aumenta consideravelmente o interesse pelo problema da discriminação racial, tornando-se um tema vigente de análise e de estudo, desde diversas perspectivas e disciplinas, contando-se atualmente com uma extensa produção a respeito. Em relação a este trabalho faz-se necessário indicar que a categoria do racismo¹⁴ será trabalhada a partir de diferentes autores e, além disso, será uma ferramenta que nos apoiará na descrição do problema e também da sua crítica.

espectadores aplastados por la falta de esencia en actores privilegiados, (...). Introduce en el ser un ritmo propio, aportado por los nuevos hombres, un nuevo lenguaje, una nueva humanidad.” (FANON. 2008: 26-27).

¹³ Ladinos na Guatemala, poderia-se dizer que é toda a população que “não é indígena”.

¹⁴ O racismo, para: Frantz Fanon, “No es un fenómeno ‘innato’ en los hombres, ni tampoco una disposición psicológico-mental. Es una forma de discriminación social que va de la mano con la aniquilación cultural, la dominación política y la opresión militar de los pueblos colonizados en el marco de la explotación económica capitalista. (...) Es por eso que no se puede ser racista inconscientemente, como sostiene Fanon. El racismo tiene método. El Racismo es un método de explotación, dominación, subyugación y deshumanización.” (Frantz 2008: 1) Já para Foucault o racismo é: em primeiro lugar o exercício do poder através do qual se pode exercer o direito de matar. “*Es un modo de establecer una censura en un ámbito que se presenta como un ámbito biológico. Las primeras funciones del racismo: fragmentar (desequilibrar) introducir censuras en ese continuum*”



Concordo com os autores que afirmam que o racismo é um componente histórico que possui suas raízes nas estruturas das sociedades coloniais. Porém, mesmo no século XXI, os indígenas ainda continuam sendo sujeitos a condições discriminatórias pela sua identidade étnica. Neste sentido a naturalização do racismo e a rejeição do mesmo ficam claras nas experiências narradas por duas das protagonistas quando nos contam que:

Recuerdo que la secretaria del Instituto me tiro la papelería por la cara. **“Ese fue mi primer encontronazo con el racismo”**, y mi madre que estaba conmigo, al parecer por las vivencias de racismo que había tenido, miraba esto con mayor **naturalidad**, sin embargo **yo no la acepte**. (Aury)
Mi papá sigue pensando que los ladinos son más inteligentes que los indígenas (Ixxik)

Contraditoriamente, tanto no caso da mãe de Aury que viu com naturalidade o fato discriminador contra sua filha, sem reagir, quanto o que considera o pai de Ixxik que “los ladinos son, mas inteligentes que los indígenas”, claramente pode se estabelecer como o racismo atravessa as concepções e as subjetividades dos próprios indígenas. Trata-se aqui de explicar as persistências das crenças ou atitudes raciais em função dos interesses das classes dominantes, embora estas venham dos próprios afetados. Além disso, a naturalização das diferenças justifica as ações de agressão, discriminação, exclusão e violência. Também recria imaginários sociais com o sujeito racializado e tem como objetivo final um sistema de relações racistas, que tem sua origem na ideologia racista originada na colônia e defendida pelas estruturas de poder, através de seus aparatos ideológicos, tais como a igreja, a escola e a família.

O racismo, como uma das heranças funestas da colônia, faz parte do despojo individual e coletivo dos povos indígenas, a vida de nossas interlocutoras tem sido imersa em uma série de experiências e vivências que também têm a ver com sua identidade étnica. Embora, estes momentos vividos, fossem processos dolorosos e marcantes, também foram elementos que as confrontaram com realidades; que depois de terem sido digeridas pelas reações imediatas, como dentro de profundas reflexões, as colocam em posições políticas de resistência que as movem para transgredir as estruturas racistas, nas quais se mobilizam quotidianamente.

Mi hermano mayor se casó con una mujer que se definía a sí misma como ladina (...) ella se burlaba de la forma en que nosotros comíamos. Nos enseñó una serie de comidas, y nos metió en una dieta diferente. (Aury)

biológico que el biopoder inviste. (...) el racismo resulta indispensable para poder condenar a alguien a muerte, para hacer morir a alguien.” (Foucault 1996: 206-207). El racismo, como procedimiento ideológico, busca presentar como natural un orden social desigual (Stolcke sin fecha: 47), asegura la dominación a través del tiempo, haciendo a los subordinados aceptar el lugar que ocupan en la sociedad, como fundado en la voluntad de Dios, en la naturaleza o en el deber moral. (Casaús. 1998). Por isso, “La lengua, los comportamientos sociales, las sutiles discriminaciones en la elección del personal para un trabajo, la facilidad que un banco ofrece para otorgar un préstamo, la atención que un docente presta a sus alumnos, los contratos de arrendamiento, la rapidez en la atención médica hospitalaria y muchos otros elementos de la vida cotidiana son atravesados por el sexismo o el racismo. (Francesca Gargallo 2007)



El primer año en la capital, fue duro, (...) marcante (...) En mi vida nunca alguien me había gritado, “que yo era tonta, por ser india”. (...) empezó afectarme mi autoestima porque empecé a creer que yo era eso que ellos decían. (Azucena)

En el nivel primario los catedráticos nos obligaban a hablar el castellano y nos castigaban porque se nos hacía difícil aprenderlo. (...) En la universidad un catedrático me decía: “la universidad no es para indias”. (Flor de Copal)

Os fatos que nossas protagonistas têm relatado são explicitamente atos de racismo, que têm base ideológica fundada claramente nas diferenças físicas e culturais mesmo que, na sociedade guatemalteca, até há muito pouco tempo, vinha sendo considerado inalterável e expressado regularmente em práticas quotidianas pelos diversos sistemas de poder, mesmo que sejam executadas de forma consciente e/ou inconscientemente. Evidencia-se assim, que se continua vendo o “outro” como inferior, a partir dos estereótipos de identidade étnica.

Falando do sistema guatemalteco, tem que se dizer que embora o Estado guatemalteco seja signatário da Convenção 169, assim como de vários tratados internacionais em favor dos povos indígenas, também conta com um acordo de paz específico quanto ao respeito das diversas identidades étnicas do país. Além disso, tem uma legislação que se bem é certo, não é uma panacéia, mas podem ser considerados instrumentos importantes para o processo de desconstrução do racismo. Com tudo isso, ainda continua sendo uma estrutura que responde a um modelo de país com relações marcadamente assimétricas, desde o gênero, a etnia, a classe e outras.

Relações de poder desde a intimidade da classe

Na Guatemala, por ser um país construído depois da colônia com uma lógica dependente do sistema capitalista-neoliberal, sua economia tem estado subordinada à agro exportação, (café, açúcar, algodão, e outros produtos agrícolas) e atualmente depende grandemente das remessas de dinheiro enviadas pelos guatemaltecos e guatemaltecas que moram nos Estados Unidos. Neste contexto, as relações assimétricas de poder estão baseadas em uma relação desigual entre os que possuem os meios de produção e quem não os possui; porque como o manifesta Foucault (1995), o poder está sempre dependendo da economia, recebendo suas finalidades e funções, sua razão de ser destina-se a fazê-la funcionar.

O Estado guatemalteco historicamente tem sido representado pelos interesses das classes dominantes, elites hegemônicas que vêm influenciando nos processos históricos de uma forma dinâmica e permanente, a través do poder político e econômico que possuem. Estas classes na Guatemala estão representadas em todos os níveis de participação, “*tem consciência de si mesma e de seus*



interesses, assim como sua “missão” histórica”.¹⁵ Por outro lado, Guzmán-Böckler em seu livro *Colonialismo y Revolución (1975)* afirma que na Guatemala, a distribuição da riqueza, o espaço que pode-se ocupar quanto ao poder está relacionado diretamente com o pertencimento racial. Esta é a realidade por onde as interlocutoras transitam permanentemente.

A lógica do sistema capitalista-neoliberal atualmente é conhecida como um processo homogeneizante e “desumanizante” que vem modificando a divisão internacional do trabalho e acentuando as relações de interdependência com uma marcada assimetria. Estas recomposições dos momentos históricos, políticos, sociais e econômicos vividos, internacionalmente, também afetam nosso país, visto que o fortalecimento dos direitos da propriedade privada, o enfraquecimento do Estado e a supremacia do mercado fazem parte da construção e estruturação dos sistemas de segregação impostos pela violência na Guatemala.

Aqui é importante apresentar como estes processos se dão na vida das famílias e das protagonistas. É certo que a maioria de nossas interlocutoras nasceu nas áreas rurais do país e suas condições econômicas eram de pobreza e extrema pobreza. Esses processos econômicos das famílias viram-se afetados por diversos fenômenos, tais como a guerra, a migração, a descampesinização, e outras questões que são reconhecidas claramente por Aury, quando diz que:

Yo creo que las condiciones para que nosotros llegáramos a ser lo que somos, o tener lo que tenemos es en: primer lugar, migrar a un área urbana a donde había escuela a nuestra disposición, segundo descampesinizarnos y tercero esconder varias de las prácticas culturales, para las que la vida cotidiana no tenía un funcionamiento.” (Aury)

A análise de Aury ajuda-nos a entender as mudanças estruturais em matéria econômica das famílias das entrevistadas; transformações que afetariam também suas relações sociais e que ficam evidentes nos testemunhos que seguem:

Vivimos una pobreza grande, recuerdo que nuestra alimentación era de café, tortilla y chile, (...) Creo que tenía 7 u 8 años cuando salí a trabajar por primera vez, lavaba ropa y cuidaba niños y niñas. (Elizabeth)
Mi papá es de la generación de los primeros promotores bilingües, empezó a ser profesor desde los 14 años y mi mamá ha sido comerciante desde que era muy jovencita. (Margarita)
Mi papá era zapatero y de eso se gano la vida todo el tiempo, antes de que yo naciera también trabajo como jornalero de una finca. Mi mamá aprendió a coser en maquina y toda su vida fue costurera. (Ixchel)
Mi papá fue jornalero luego aprendió sastrería, carpintería y hojalatería y hace 20 años comenzó hacer silos metálicos, es el único artesano que hace este trabajo en Patzún, mi mamá, su don es curar mujeres. (Marta)
Mi mamá antes de venirse para la capital era cocinera de los curas de la Sagrada Familia, luego en la capital ella trabajó siempre en casas particulares. (Saqbe)
Mi papá siempre trabajó en la tienda era comerciante y allí está todavía. (Emma)
Mi papá era campesino pero también trabajaba por la comunidad, después que fuera asesinado, mi mamá y yo nos quedamos trabajando la tierra sembrando frijol y maíz lo cosechábamos y lo vendíamos en el mercado. (Flor de Copal)

¹⁵ Stavenhagen, Rodolfo. *Las clases sociales en las sociedades agrarias*. Siglo Veintiuno editores SA. Segunda Edición. México 1970. P.36.



Ainda que as primeiras gerações destas famílias fossem camponesas, as transformações econômicas e sociais que culminaram na descampesinização dos grupos familiares das protagonistas, facilitaram os processos educativos que as interlocutoras alcançaram. Formação que na maioria dos casos tem incrementado suas condições econômicas, as mesmas que já tinham iniciado transformações e que atualmente vêm constituindo-se em uma pequena e emergente elite de intelectuais com condições de vida diferentes que a maioria de mulheres indígenas da Guatemala.

Além disso, é importante registrar aqui, que dentro dos povos indígenas também conta-se com diversas elites econômicas e intelectuais, as quais vêm fazendo parte da sociedade e dos povos indígenas da Guatemala, e que pelo fato de terem recursos econômicos que lhes diferenciam da maioria da população maya, é evidente que a sociedade indígena também está constituída em classes econômicas, as mesmas que também estão separadas por abismos profundos.

Partindo das reflexões anteriores pode-se dizer que a constituição como sujeitas sociais e políticas, assim como a instituição das diversas identidades das dez protagonistas desta etnografia, partem desde suas ideias força, atravessando tanto suas subjetividades quanto suas objetividades. Todas estas configurações têm sido desenvolvidas em um contexto classista, androcêntrico e racista, porque tal como menciona Sueli Carneiro (2009) “*as memórias do período colonial continuam vivas no imaginário social e adquirem novas roupagens*”.

Desta forma, pode-se afirmar que estas desigualdades atingiram e atingem estas atrizes sociais em diversas fases de suas vidas, durante as quais elas têm passado por uma série de experiências de opressão e discriminação que provocam tanto o confronto e crises que elas vêm desconstruindo, através da resistência e da transgressão, quanto promovem a construção de uma trajetória desde suas próprias concepções, cosmovisões e pontos de vista. Neste sentido, estes exemplos de vida apresentam-se como diferentes referências para as novas gerações, promovendo mudanças sociais e culturais profundas, tanto dentro de seus contextos mais próximos quanto os mais amplos. Movendo-se lentamente, mas constantemente, as mulheres indígenas começam a deixar de serem as grandes ausentes dentro da história guatemalteca para constituírem-se como novas e diferentes sujeitas da história.

Bibliografia



ÁLVAREZ, CARMEN. *Cosmovisión maya y feminismo ¿Caminos que se Unen? La Encrucijada de las Identidades, Mujeres, feminismos y mayanismos en dialogo*, Guatemala: Intervida World Alliance 2006

AMORÓS, CELIA; DE MIGUEL, ANA. *Teoría feminista: de la ilustración a la globalización. Del Feminismo liberal a la posmodernidad*. Colección de estudios sobre la mujer, Minerva Ediciones, Segunda Edición, Madrid 2007.

CASAÚS, Marta. *La Metamorfosis Del Racismo En Guatemala*. Editorial Cholsamaj. Guatemala 1998.

CHIRIX, Emma. *Identidad Masculina entre los Kakchiqueles*. Tesis de Maestría en Sociología del programa de Postgrado Centroamericano de Ciencias Sociales FLACSO, Guatemala 2007.

DE BEAUVOIR, Simone. *El Segundo Sexo*, España 2005 [Ewww.mujereshoy.com/secciones/756.shtml](http://www.mujereshoy.com/secciones/756.shtml) –

FANON, Franz. *Los condenados de la tierra*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1979.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. & RABINOW, and P. Michel Foucault. *Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1995. p. 231-249.

GARGALLO, Francesca. *Feminismos y Racismos en América Latina*. Publicación 2007

GUZMÁN-BÖCKLER, Carlos. *Colonialismo y revolución. Siglo Veintiuno Editores*. México primer edición 1975

LUNA, Lola. *Movimiento de Mujeres y Movimiento Feminista. Para una discusión abierta y plural*. Editorial Librería de Mujeres. Argentina 2003

MONZÓN, Ana Silvia. *Mujeres, género y etnia en Guatemala: Aproximaciones conceptuales*. XI Congreso Centroamericano de Sociología, 11-14 de noviembre, 2008, San Salvador, El Salvador

PAPÍ -GÁLVEZ, Natalia. *Clase social, etnia y género: tres enfoques paradigmáticos convergente*, (España, 2001)

PILO, Rosa María. *Reflexionando y Actuando, Mujeres Mayas y Participación Política*. Instituto de Estudios Interétnicos, Universidad de San Carlos de Guatemala. 2007

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, p. 71–99, jul./dez. 1995.

STAVENHAGEN, Rodolfo. *Las clases sociales en las sociedades agrarias*. Siglo Veintiuno editores sa. Segunda edición. México 1970